



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS**

MARIA BERTELANIA CLETO

**ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA EJA
COM A PRÁTICA DE LEITURA**

GUARABIRA/PB

2018

MARIA BERTELANIA CLETO

**ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA EJA
COM A PRÁTICA DE LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Esp. Karla Valéria Araújo Silva

GUARABIRA/PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C623a Cleto, Maria Bertelania.
Algumas reflexões sobre o envolvimento dos alunos da EJA com a prática de leitura [manuscrito] / Maria Bertelania Cleto. - 2018.
27 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Leitura. 2. Prática social. 3. Alunos da EJA. I. Título
21. ed. CDD 374

MARIA BERTELANIA CLETO

**ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA EJA
COM A PRÁTICA DE LEITURA**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Aprovado em: 11/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Karla Valéria Araújo Silva

Prof.^a Esp. Karla Valéria Araújo Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rafael Alves de Oliveira

Prof. Ms. Rafael Alves de Oliveira (1^o Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi

Prof.^a Ms. Danielle dos Santos Mendes Coppi (2^a Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, força maior que me deu suporte para superar as adversidades durante esta caminhada. Pois foram nos momentos mais difíceis que me deu alento para continuar.

Ao meu filho Ryan Luccas, motivo de minha inspiração nesta trajetória, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, a minha avó (*In memoriam*), pelo exemplo de alegria e cumplicidade durante o tempo que esteve comigo nesse plano; ao meu esposo pelo companheirismo e apoio: à minha tia Neves e ao meu cunhado Jordival pela compreensão e ajuda familiares.

À professora Karla Valéria, minha orientadora, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos professores do Curso de Letras, em especial à Rosângela Neres, Rafael Braz, Antônio Flávio, que direta ou indiretamente contribuíram para meu crescimento na vida acadêmica e fora dela ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Rafael e Danielle por comporem à banca examinadora e pela disposição em avaliar este trabalho.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, especialmente, a minha amiga Eliane Costa, uma irmã nesta caminhada.

À minha professora Gorett Menezes pela ajuda de sempre.

Ao professor Guto, como também aos seus alunos da EJA, pelo espaço cedido para a realização desta pesquisa.

“Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola [...]”

Marisa Lajolo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA: BREVE HISTÓRICO	08
2.1 Quem são alunos da EJA?.....	13
3. A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO SOCIAL	14
3.1 Conceito de leitura.....	15
3.2 Implicações sociais do ato de ler.....	17
4. OS ALUNOS DA EJA E O HÁBITO DA LEITURA	18
4.1 Caracterização da pesquisa.....	18
4.2 Apresentação e discussão dos dados.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	26

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA EJA COM A PRÁTICA DE LEITURA

MARIA BERTELANIA CLETO¹

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar a leitura como algo fundamental para a construção e desenvolvimento do senso crítico do ser humano. Para tanto, trazemos como objetivo principal, investigar o envolvimento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a leitura e identificar quais as representações que esses alunos vêm construindo acerca do ato de ler, enquanto prática social ao longo de sua vida. Sendo assim, iremos discorrer, inicialmente, sobre a trajetória da EJA que marca o encaminhamento dos sujeitos envolvidos nessa modalidade, como também descrever brevemente o perfil dos alunos que fazem parte desse contexto educacional. Em seguida, iremos pontuar sobre o conceito de leitura de forma geral e sua indispensável contribuição para a formação social do indivíduo. Os autores utilizados para embasamento teórico das nossas discussões foram: Nascimento (2013), Saldanha (2009), Martins (2007), Antunes (2009), Freire (2001), entre outros. Por ser uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, iremos apresentar por fim, os resultados de um questionário destinado aos alunos da EJA de uma escola pública da cidade de Alagoa Grande/PB, o qual teve como propósito buscar compreender, por meio dos dados coletados, o envolvimento desses educandos com a leitura fora do âmbito escolar.

Palavras-Chave: Leitura. Prática social. Alunos da EJA.

1 INTRODUÇÃO

A Educação no Brasil, desde seus primórdios, apresenta uma série de deficiências que transcendem os tempos, cujos reflexos se tornam visíveis quando nos deparamos com a precariedade do ensino imposto aos indivíduos envolvidos neste processo. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), que se inclui nesse quadro

¹ Aluna de Graduação em Letras- Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: laneleto.006@hotmail.com

educacional brasileiro, refere-se a uma modalidade de ensino que vem sendo afetada pelo descaso político do país desde o Período Colonial até os dias atuais. Um descaso que, apesar de ocorrerem algumas mudanças cabíveis na modalidade para se implantar um ensino qualitativo, que realmente possa atender às necessidades dos educandos ainda se tornam visíveis, influenciando negativamente este processo educativo.

Nestas circunstâncias, se torna necessário conhecer um pouco da história educacional desta modalidade para pontos esclarecedores da problemática escolar que esta representa, visto que somente a partir destes conhecimentos é que podemos construir uma reflexão acerca também da prática de leitura dos alunos que buscam através dos estudos a oportunidade de resgatar um pouco da dignidade humana, adequando-se ao mundo letrado que lhes corresponde.

Para tanto, o nosso trabalho tem o intuito de, inicialmente, apresentar uma visão panorâmica acerca do cenário histórico de que despontara a EJA ao longo das construções da educação brasileira, com o objetivo de refletir sobre os aspectos políticos e sociais que se tornam provedores das grandes deficiências opressoras ao progresso dessa modalidade, desde o passado até os dias atuais. Para embasamento teórico dessa discussão, apoiamo-nos principalmente nos seguintes autores: Almeida; Corso, (2015), Nascimento (2013), Strelhow (2010), Saldanha (2009), entre outros.

Em seguida, iremos discutir sobre o ato de ler, desde o conceito a ele atribuído até a sua relevância na construção do sujeito social. Os autores que nos deram embasamento para refletirmos sobre esse momento do trabalho foram: Martins (2007), Antunes (2009), Freire (2001) e Kleiman (2007). Por fim, por ser uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, traremos os resultados de um questionário aplicado com os alunos da EJA, o qual teve como principal objetivo investigar como eles percebem o ato de ler e qual o envolvimento deles com a prática de leitura fora do contexto escolar.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA: BREVE HISTÓRICO

Há muito sabemos que o sistema educacional brasileiro oferece uma educação deficiente. Se analisarmos um pouco o contexto no qual esse sistema está vinculado, veremos que esta trajetória tem resquícios desde o Período Colonial, em que o ensino beneficiava a minoria da população (classes média e alta) e excluía a maior parte dela,

a classe pobre. Nesse tempo, a educação que já apresentava problemas de escolaridade para os indivíduos se alfabetizarem, só proporcionava acesso às escolas às crianças, cabendo aos jovens e adultos uma educação deficiente, ou seja, desigual, visto que esse público era insignificante para o governo da época.

Porém, com o passar dos anos, mediante as mudanças políticas e econômicas do Brasil, o regime governamental, visando interesses políticos, passara a enxergar com outros olhos as questões escolares do país, juntamente com o sistema que as vinculavam, e campanhas de alfabetização começaram a ser instaladas no sistema educacional brasileiro, que logo, começa a engatinhar, ganhando novo cenário.

A história da Educação de Jovens e Adultos - EJA - no Brasil é permeada pela trajetória de ações e programas destinados à Educação Básica e, em particular, aos programas de alfabetização para o combate ao analfabetismo. Em algumas ações, para o público jovem e adulto, embora não se constitua o objetivo principal, é possível identificar também o incentivo à profissionalização, ainda que de forma tímida. Por um lado, incentivou-se a aprendizagem da leitura e escrita, para que os jovens e os adultos pudessem exercer o seu "direito" de voto; por outro lado, o estímulo à alfabetização veio acompanhado das novas exigências econômicas pela aprendizagem dos elementos básicos rudimentares da cultura letrada. (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1.295)

Os resquícios de transformações na educação brasileira, começam a surgir a partir do governo Pombalino², com a chegada da família Real e, concretizam-se após a implantação da República no país, período que sucedeu o crescimento da educação elementar e o reconhecimento de que os altos índices de analfabetismo com a idade acima da estimativa (cinco anos) era considerado uma problemática social que poderia refletir-se no progresso da nação.

Não se poderia considerar as referidas mudanças como sendo o clímax da educação no Brasil naqueles tempos, uma vez que, até então só tínhamos o ensino Jesuítico de caráter religioso, que promovia ao povo a propagação da fé como formação cristã, e o descaso com a população carente, cujo acesso às escolas era restrito. Logo, poderíamos considerar que tais iniciativas representavam mais um passo rumo a conquista do direito de estudar, que era privilégio da aristocracia, nesse período.

² "O Período Pombalino corresponde aos anos em que o Marquês de Pombal exerceu o cargo de primeiro-ministro em Portugal (1750 a 1777), durante o reinado de Dom José I." Informação disponível em: <https://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/periodo_pombalino.htm> Acesso em: 01 mai. 2018.

Nesse meio termo em que referentes mudanças ganharam fundo na educação brasileira, começava a despontar aquele que viria a ser o pioneiro da alfabetização de Jovens e Adultos, Paulo Freire, um pedagogo que via através do processo formativo humano como cidadão crítico, uma forma de causar mudanças no mundo. Freire objetivava uma ação democrática e libertadora cujo método partia da realidade e conhecimento de mundo que cada sujeito envolvido trazia. Acerca disto, reforça Aranha (1996, p.209 apud NASCIMENTO, 2013, p.17):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um fazedor de cultura e, mais ainda que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interagir na realidade de certa forma. Percebe-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detém seu monopólio - alfabetizar é, em última instância ensinar o uso da palavra.

Mesmo caminhando a passos lentos desde os anos 40, a Educação de Jovens e Adultos vem sofrendo processos transformativos por intermédio de leis constitucionais. Essa modalidade começa a moldar seu cenário, é o começo do surgimento de campanhas e programas educacionais criados com o propósito de combater o analfabetismo no Brasil, amenizando os problemas que isto representava para os poderes governamentais do país, em tempos de pressão pela Organização das Nações Unidas (ONU), no período pós-guerra. Isto significa que, a educação de jovens e adultos sai do anonimato para viver uma nova realidade brasileira, em outras palavras, essa modalidade de ensino passa a receber um tratamento "reservado" (HADDAD; DIPIERRO, 2000 apud AIALA, 2011).

Após o surgimento da Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino específico, que deveria receber um certo reconhecimento educacional adequado, algumas campanhas destinadas a promover esta aprendizagem foram criadas com propósitos políticos de contrapor-se às ideias expostas nos congressos pedagógicos influenciados por Paulo Freire. Porém, após o movimento de educação e cultura popular, surgiu a Ação Básica Cristã (ABC), que assim como as campanhas anteriores a ela, também fora substituída por outro movimento: o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Com esse programa a alfabetização ficou restrita à apreensão da habilidade de ler e escrever, sem haver a compreensão contextualizada dos signos. Configurava-se assim, o sentido político do Mobral, que procurava responsabilizar o indivíduo de sua situação desconsiderando-o do seu papel de ser sujeito produtor de cultura, [...] (STRELHOW, 2010, p.54)

De acordo com Nascimento (2013), o MOBREAL resumia-se a ensinar a população a ler e escrever por meio de cartazes, famílias silábicas e fichas. Diferentemente do método de alfabetização de Paulo Freire, não se preocupava com a formação crítica do sujeito, apenas interessava-se a atender os interesses governamentais do período militar, que correspondia ao controle do povo, a capacitação de mão de obra para o mercado industrial trabalhista e a adesão ao voto.

O projeto, apesar de apresentar alguma contribuição para a população, como componente complementar dos estudos, pois promoveu a aceleração dos estudos básicos e a redução de uma pequena porcentagem referente a taxa de analfabetismo no Brasil, deixou muito a desejar em relação aos métodos formativos, visto que não atendeu às necessidades educacionais do público-alvo da Educação de Jovens e Adultos.

Em meio a esse processo, ainda tivemos o Ensino Supletivo criado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira LBD 569/71. Logo mais, por intermédio do Ministério de Educação e Cultura (MEC), surge o Centro de Estudos Supletivos (CES), que não permaneceu durante muito tempo. Em 1985, extinguiu-se o MOBREAL-Movimento Brasileiro de Alfabetização-, assumindo seu posto a Fundação EDUCAR (Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos), um suporte técnico e financeiro destinado a Alfabetização de Jovens e Adultos. (NASCIMENTO, 2013)

Após todos estes movimentos, ainda surgiram outros programas educacionais destinados à alfabetização de Jovens e Adultos, dentre os quais podemos citar o MOVA (Movimento de Alfabetização) pelo modelo alfabetizador que se propunha a educar as pessoas a partir do ambiente a que pertenciam, tornando-os interativos com a aprendizagem, restando aos outros que vieram seguidamente, um aspecto reflexivo das campanhas educacionais promovidas pelo governo nos anos anteriores.

Entre os movimentos que surgiram no início da década de 90, podemos destacar o Movimento de Alfabetização (Mova), que procurava trabalhar a alfabetização a partir do contexto sócio-econômico (sic) das pessoas alfabetizandas, tornando-as co-participantes de seu processo de aprendizagem. (STRELHOW, 2010, p.56)

Entre os anos de 1995 – 2002, após inúmeras discussões acerca da problemática envolvendo o ensino da EJA, no governo do então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, o sistema educacional brasileiro passa a sofrer novas modificações, em que, de acordo com a regulamentação, o ensino regular ganha prioridade de custeamento público. Fator que acaba culminando no desenvolvimento benéfico para somente as duas fases do ensino fundamental, correspondente às crianças e adolescentes, ficando de fora desta lista de aprendizes a educação infantil, o ensino médio e a educação de jovens e adultos.

Nestas circunstâncias, o ensino de jovens e adultos passa a ser delimitado à rotina equivalente a aulas presenciais, semipresenciais, não presenciais e por meio de exames supletivos, cujos conteúdos seriam propostos através das diretrizes e orientações metodológicas correspondentes a cada grau de escolaridade dessa demanda.

Antes e depois destes acontecimentos, ainda tivemos outros programas construídos com o propósito de sanar o problema do analfabetismo no Brasil. Eles estavam ligados a movimentos associados ao Incra, Universidades Sociais, mas foram insuficientes na ação e acabaram gerando uma nação funcionalmente analfabeta, ou seja, mesmo frequentando a escola, os alunos não possuíam leitura, escrita e noções simples de matemática suficientes para adequar-se ao mundo letrado. Para se engajarem neste cenário, os sujeitos envolvidos deveriam possuir um conjunto de conhecimentos necessários à sua formação, de modo que pudessem usufruir de seus direitos de cidadania, de forma benéfica e proporcional.

A EJA, portanto, só viera a ser registrada de fato como “Boletim curricular” a partir do vigoramento da Constituição de 1988, em que o Estado passava a se comprometer, juntamente com outros setores (municípios, ONG’s, Universidades etc.), na assistência a Educação de Jovens e Adultos. Mas, é a partir de 2003 que ela passa a ser vista com um olhar mais prioritário pelo governo, como aponta Saldanha (2009):

Em janeiro de 2003, O MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal. Para isso, foi criada a secretaria extraordinária de erradicação do Analfabetismo, cuja meta é erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuirá com os órgãos públicos Estaduais e Municipais,

instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvam ações de alfabetização.

Atualmente o ensino da EJA continua com o mesmo objetivo dos programas e movimentos que foram surgindo ao longo do tempo, como discutido ao longo dessa seção: o combate ao analfabetismo. Mas, apesar de ter sido tomada como prioridade pelo governo, conforme mencionado anteriormente por Saldanha, muitos são os desafios a serem enfrentados para que esse objetivo seja alcançado.

2.1 Quem são alunos da EJA?

Notadamente, a Educação de Jovens e Adultos não se restringe a receber em suas salas de aula apenas indivíduos que estejam ingressando na escola pela primeira vez. Em sua maioria, trata-se de jovens e adultos que, por fatores diversos, foram impossibilitados de ingressar às salas de aula no tempo adequado e conseqüentemente, não puderam desenvolver todas as suas capacidades e habilidades, para obter condições de viver dignamente, de forma interativa em sociedade. A esse respeito, cita Guedes (2009, apud BASTIANI, 2012, p. 27):

Desde os que não sabem ler e escrever que querem ser alfabetizados, e os que já possuem essas habilidades, mas se desejam adquirir o diploma. Procuram esses, saberes para se sentirem mais cidadãos e participativo na comunidade. Portanto o conceito EJA é voltado para as características e especificidades dos sujeitos aos quais elas se destinam. Dentre os educandos encontram-se homens e Mulheres trabalhadores (as) empregados (as) e desempregados (as) ou em busca de primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias, favelas e vilas. São sujeitos sociais culturais, marginalizados nas esferas sócio econômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem em um mundo urbano, industrializados, burocratizados e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas, trazem a marca da exclusão social, mas se são sujeitos do tempo presente e do tempo futuro, formados pelas memórias que os constituem enquanto seres temporais.

Dessa forma, compreende-se sob a perspectiva educativa que o público da EJA, é constituído por alunos com particularidades distintas, e necessidades básicas próprias, provenientes de contextos sociais e culturas diversos, mas que trazem para as salas de aula da EJA experiências de vida proveitosas que devem ser valorizadas

pelo educador no processo de ensino - aprendizagem. Arroyo (2006, p.35 apud RIBEIRO 2014, p.23), destaca que:

Essas diferenças podem ser uma riqueza para o fazer educativo. Quando os interlocutores falam de coisas diferentes, o diálogo possível. Quando só os mestres tem (sic) o que falar não passa de um monólogo. Os Jovens e Adultos carregam as condições de pensar sua educação como diálogo. Se toda educação exige uma deferência pelos interlocutores, mestres e alunos (as), quando esses interlocutores são jovens e adultos carregados de tensas vivências, essa deferência deverá ter um significado educativo especial.

Ao procurarem a escola, os jovens e adultos buscam promover seu desenvolvimento pessoal. Porém, na maioria das vezes, essa trajetória acaba sofrendo interrupções devido às dificuldades de acesso à escola. Assim, ao se sentirem desmotivados, acabam desistindo e, conseqüentemente, terminam abandonando a escola, causando, pois, grandes índices de analfabetismo e implicações pedagógicas. Por isso, motivar os alunos da EJA a continuarem sua trajetória escolar, de modo a tornarem-se seres ativos na sociedade, bem como estimulá-los a permanecerem frequentando as salas de aula, configura-se como um grande desafio.

3 A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO SOCIAL

Quando pensamos em uma concepção mecânica de leitura, automaticamente vem à nossa mente a prática de decodificar. Porém, nos dias atuais, esta percepção vai sendo ampliada devido à necessidade de algo que envolva não só identificar os códigos do alfabeto, mas, também a formação crítica dos seres humanos.

Nesse sentido, nasce o propósito de ressaltar a importância da leitura e seu valor social, a partir de sua conceituação representativa na vida social do indivíduo. Para tanto, faremos a seguir uma abordagem conceitual do que seja leitura, suas concepções e tipos, bem como as implicações enquanto prática que possibilita a inserção social.

3.1 Conceito de leitura

A leitura está relacionada de forma bem ampla com a área do conhecimento e por essa razão assume um papel atuante no nosso dia a dia e, respectivamente, na nossa vida. Pois, se analisarmos atentamente, iremos perceber que vivemos em meio a diversas práticas de letramento, as quais exigem de nós uma inclusão neste nesse contexto. Martins (2007, p.11) deixa bem claro isto ao referir-se ao nosso primeiro contato com a leitura, quando o descreve da seguinte maneira:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra nos assustam, mas a canção embala nosso sono[...] começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler.

Em concordância ao exposto por Martins, podemos citar Freire (2001, p. 20): “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. A partir disso, podemos associar esta primeira percepção de leitura como um ato que acontece naturalmente, causando sensações diferentes em nosso interior, de modo a despertar tanto emoções prazerosas quanto conflitantes. Ao colocarmos esta ação em prática, iremos perceber, com o passar do tempo, que a leitura é uma fonte de conhecimento riquíssima para a formação pessoal, educacional e social do sujeito, pois possui todas as ferramentas essenciais para seu desenvolvimento próprio, fora dos padrões pessoais, que preenchem das necessidades mais simples às mais complexas.

Dessa forma, ao falarmos de leitura, não podemos limitá-la a ação de aprender a ler para fins alfabetizadores de complemento curricular, pois ela vai muito além disso, visto que abrange todo um universo de coisas, sons, sentimentos, visões etc., que nos leva a compreendermos aos outros e ao mundo do qual fazemos parte.

Kleiman (2007) afirma que a concepção de leitura está associada a uma prática social que, para proceder-se beneficentemente, necessita ater-se a outros textos e outras leituras, para ganhar consistência e produtividade. Podemos associar este contexto aqui, aos conhecimentos prévios dos indivíduos em relação a leitura que lhe está sendo mediada.

Nessas circunstâncias, percebemos a amplitude que caracteriza a leitura. Desse modo, podemos notar que ela não pode de forma alguma ser limitada apenas

a concretização da ação decodificadora promovida pelas escolas. Segundo Martins (2007), essa mecanização da leitura através do ato de ler e escrever, torna-se uma forma depreciativa do verdadeiro intuito da leitura no meio educativo, pois serve simplesmente para manter a sequência dos programas de alfabetização de um indivíduo que, após tais procedimentos, ainda não consegue se utilizar da leitura e da escrita de maneira funcional, pelo fato de apenas receber uma educação parcelada, relativa a dos anos anteriores; sob outros aspectos, para manutenção do sistema político e econômico que dita as regras sociais e culturais formativas da sociedade.

Nesse sentido, Martins (2007) aponta por meio de uma divisão representativa de pilares visíveis, os moldes das concepções de leitura, sintetizados de forma genérica:

- 1) Como uma decodificação mecânica dos signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir de condicionamento estímulo – resposta (perspectiva behaviorista – skinneriana);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais intelectuais, fisiológicas, neurológicas, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo – sociológica).

Diante da presente condição da leitura, em que temos a simbolização do confronto de dois conceitos construcionais de aprendizagem (método tradicional e, construtivista), a servir como base integrante da construção de emprego desta, podemos considerar a necessidade de rever as questões que crucificam a leitura a ser reconhecida como recurso obrigatoriamente imposto, para garantir o cumprimento metas convencionais de ensino em pró de estatutos de poder político e econômico, no âmbito social, como exemplifica Martins (2007), ao discorrer sobre os aspectos pelos quais se projeta a leitura no contexto escolar enquanto processo de formação do indivíduo de dentro para fora da escola.

Partindo dessa realidade, o sujeito envolvido no processo aquisitivo deste conhecimento, tende a evoluir a partir de alguns níveis de leitura, os quais, segundo a visão dessa autora, podem ser compreendidos da seguinte maneira:

- **Leitura sensorial** – Esse nível está associado aos órgãos do sentido. Um exemplo dado por Martins (2007) é a descrição do primeiro contato da criança com os livros. Esta, ao perceber o formato e as cores, as ilustrações que contém no material, sente-se curiosa e motivada a manuseá-lo, e isso, segundo

a autora, pode constituir uma fonte de prazer pela leitura. Nesse contexto, a leitura comporta o lúdico e o estímulo ao que dá prazer. Estas são as primeiras experiências que vão transformando e proporcionando aos indivíduos novas descobertas de mundo e sobre eles mesmos.

- **Leitura emocional** – Ligada ao emocional, este tipo de leitura está relacionada àquilo que nos desperta interesse a partir das emoções. Isso se torna relevante no contexto da leitura, pois pode desencadear no leitor sensações de fragilidade que o pode favorecer em meio a este processo de desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, podemos entender que a leitura mexe com as emoções e as coloca em confronto, cujas reações poderão estimular o prazer ou desprazer com a leitura, dependendo da finalidade e de seu grau de sentido.
- **Leitura racional** – Esta leitura está relacionada a uma prática mais específica, ou seja, a leitura de textos escritos. Martins (2007) se refere a um processo mais intelectual e está associada aos níveis anteriormente apresentados (sensorial e emocional). Ainda segundo a autora, esse nível de leitura permite que o leitor alargue seus horizontes com relação à realidade social, podendo questioná-la de forma mais crítica e autônoma.

3.2 Implicações sociais do ato de ler

Ciente da importância da leitura para formação do cidadão crítico e do peso social que se entende neste propósito, é importante enfatizar que ela representa a chave para abrir a porta para o conhecimento. Somente a partir da prática da leitura poderemos encontrar as ferramentas necessárias para promover um bom encaminhamento social, através do qual iremos conseguir manter nossos direitos a uma cidadania benéfica e favorável à sobrevivência nesse meio, que direciona nosso sistema educacional.

Partindo do pressuposto de que a leitura é um bem indispensável para a vida das pessoas dentro e fora do convívio escolar, podemos dizer que ela representa uma fonte de conhecimento imprescindível para a formação humana em relação a sua existência como ser social. Antunes (2009, p 186), ao referir-se à leitura, aponta as suas funções sociais, dentre as quais “[...] envolvem, além do acesso ao conhecimento já produzido, a produção de novos conhecimentos, a continuidade e o avanço das descobertas científicas e do patrimônio artístico-cultural da sociedade”.

Falar em conhecimento é associá-lo a “poder”; logo, se o indivíduo vive a busca do conhecimento por meio da leitura, automaticamente ele poderá gerenciar sua vida sob caminhos melhores, usufruindo de todos os privilégios que somente os que possui essa significância, poderia ter na sociedade.

Nesta perspectiva percebe-se que a leitura, é considerada uma fonte inesgotável de conhecimento que acompanha a evolução humana em todos os seus aspectos. Por esse motivo, deveria ter sua posição revista no contexto social de forma geral e por todos nós, visto que, a necessidade que temos de fazer uso de sua essência numa continuidade da vida, nos faz responsáveis pelo bom desempenho de sua prática tanto na escola quanto fora dela.

4 OS ALUNOS DA EJA E O HÁBITO DA LEITURA

Como já discutido acima, a leitura faz toda a diferença na vida do ser humano enquanto sujeito social. Nesse sentido, se faz necessário que haja uma consciência de todos os indivíduos o quanto é importante exercer o hábito da leitura, pois a mesma está inserida no nosso cotidiano e é por meio dela que nós poderemos desenvolver o senso crítico acerca de muitas problemáticas que permeiam o nosso dia a dia. Dessa forma, traremos a seguir os resultados de uma pesquisa realizada com alunos da EJA, a qual teve como principal objetivo investigar qual o envolvimento deles com a prática da leitura no seu cotidiano.

4.1 Caracterização da pesquisa

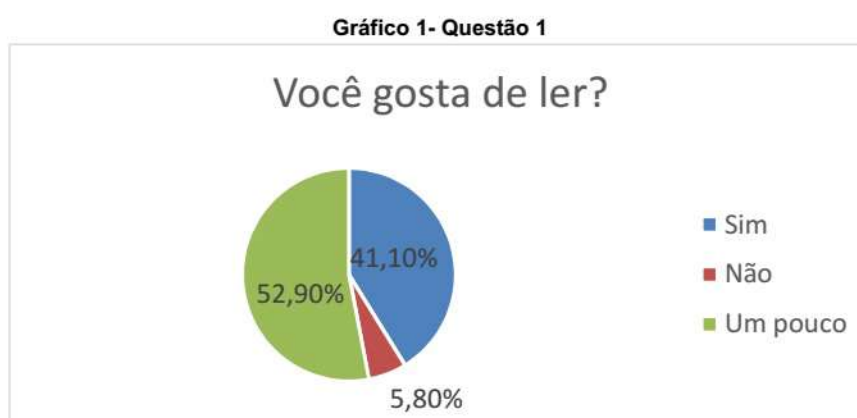
Com o objetivo de promover uma investigação sobre o envolvimento dos alunos da EJA com a leitura, numa perspectiva formadora para a vida pessoal e social do sujeito envolvido nesse processo educacional, esta pesquisa de campo de cunho quantitativo, se propôs, inicialmente, a aplicar um questionário, com perguntas objetivas (sendo apenas uma subjetiva) e acessíveis para os discentes.

Através da participação dos alunos, ao responderem as questões, pudemos compreender um pouco a situação em que eles se encontram em relação à leitura fora do âmbito escolar, ou seja, no cotidiano social diário. O referido questionário, composto por 07 (sete) questões, foi aplicado com alunos que estudam no último ano

da modalidade EJA, turno noite, em uma escola pública do município de Alagoa Grande/PB. Ao total, foram 17 colaboradores.

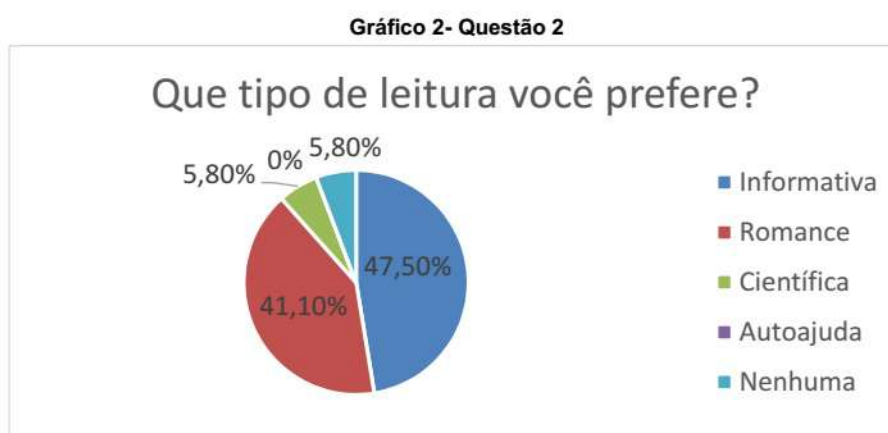
4.2 Apresentação e discussão dos dados

Seguem abaixo, os gráficos representativos com os resultados e comentários de cada questão aplicada:



Fonte: elaborado pela autora

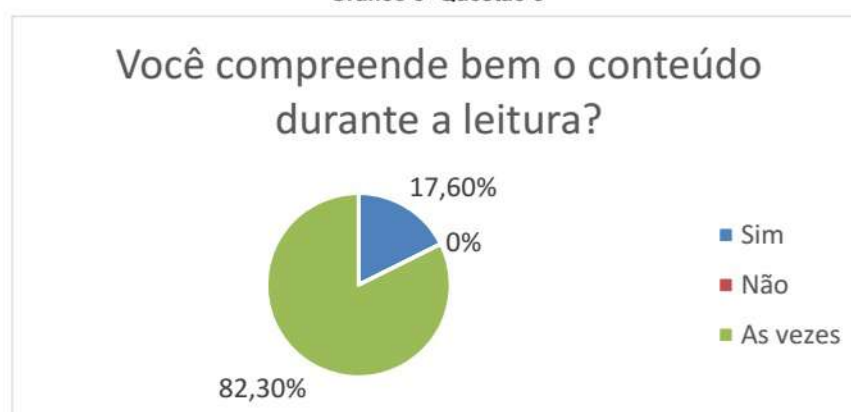
Partindo da premissa de que a leitura deve ser apresentada como forma construtiva para o desenvolvimento do sujeito, ela deve representar para este como um ato prazeroso. Portanto, a primeira pergunta foi direcionada aos alunos com o objetivo de averiguar inicialmente se eles têm o gosto pela leitura no sentido geral (ou seja, sem especificar se é uma leitura escolar ou secular). Com isso, percebe-se que a maioria dos entrevistados alegaram gostar apenas “um pouco” de ler.



Fonte: elaborado pela autora

Essa segunda pergunta foi elaborada com intuito de complementar a primeira, e buscou identificar qual a categoria de texto que o aluno prefere ler fora do contexto escolar. Percebe-se pelos resultados, que a maioria dos entrevistados preferem ler textos informativos, ficando, em segundo lugar, a categoria romance.

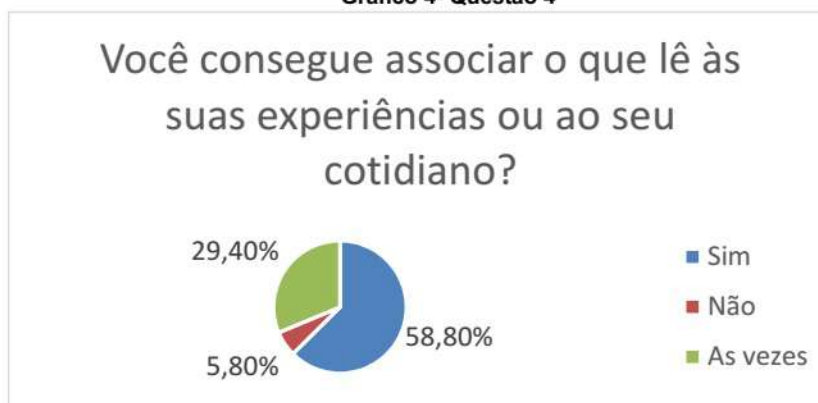
Gráfico 3- Questão 3



Fonte: elaborado pela autora

Na terceira questão, procuramos constatar se ao ter contato com a leitura, o sujeito compreende bem o que está lendo, ou seja, se a leitura que é feita, projeta significado para ele, ocasionando-lhe o desenvolvimento de suas “competências como leitor”, levando-os além dos atos de decodificação da língua, que é a marca da trajetória de alfabetização no Brasil desde os tempos iniciais. Vemos pelos resultados obtidos que a maioria dos entrevistados declararam ter dificuldade em compreender os textos e que só “às vezes” entendem o que leem. Podemos considerar esse dado como algo preocupante, pois esse fator pode comprometer e muito o desenvolvimento intelectual do leitor.

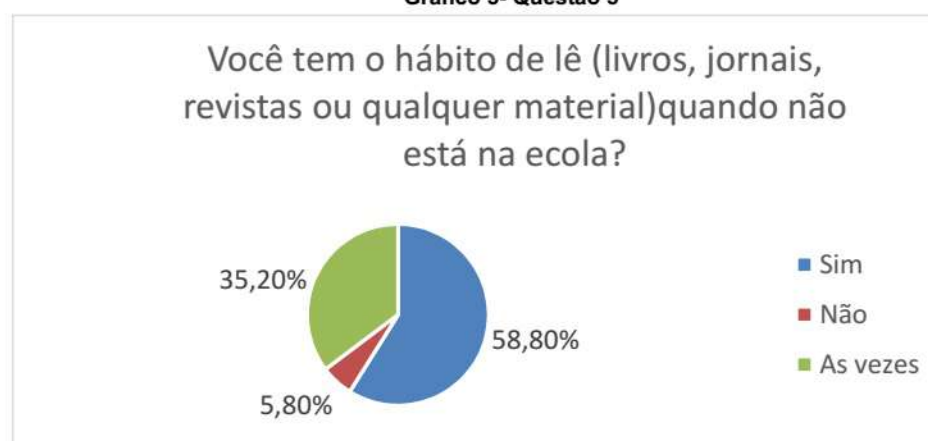
Gráfico 4- Questão 4



Fonte: elaborado pela autora

A quarta pergunta teve como objetivo identificar se o aluno da EJA, quando em contato com a leitura, consegue articular o conteúdo dos textos com a sua vida prática, com o seu cotidiano. Se ele consegue encaminhar tais conhecimentos, direcionando-os ao aprimoramento de suas aptidões de criação em que, a partir desse reconhecimento possam se tornar capazes de construir uma ponte de ligação de saberes que lhes sirvam de aprendizado para a vida. Pelos resultados obtidos, vemos que a maioria dos alunos entrevistados afirmou conseguir associar (de alguma forma) o que lê, a algo de sua vida cotidiana.

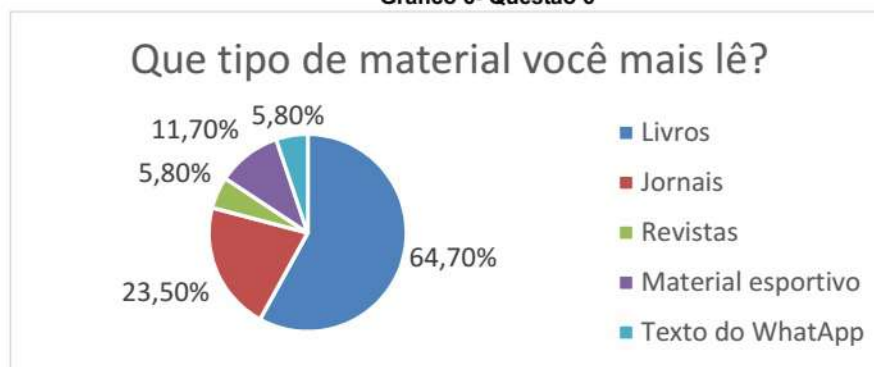
Gráfico 5- Questão 5



Fonte: elaborado pela autora

A quinta pergunta teve como intuito principal investigar o envolvimento desses alunos com a leitura fora do contexto escolar. Logo, a partir do levantamento dos dados, temos como resultado a maior parte dos alunos afirmarem que “sim”, eles dizem praticar o hábito da leitura no seu cotidiano, sem necessariamente serem solicitadas pela escola, apesar de a maioria ter afirmado logo na primeira questão que gosta apenas “um pouco” de ler. A partir disso, podemos perceber que esse pode e deve ser o primeiro passo para ajudá-los a desenvolver uma visão crítica diante de diversas situações do dia-a-dia, como também serem pessoas mais informadas sobre o que acontece ao seu redor.

Gráfico 6- Questão 6



Fonte: elaborado pela autora

A sexta pergunta foi elaborada como uma complementação da pergunta anterior. Ela busca identificar de forma mais específica que tipo de material os alunos buscam ler no dia-a-dia, ou seja, quais fontes o aluno da EJA se apropria para buscar informações. Vale destacar que essa questão não foi de múltipla escolha como as anteriores, preferimos deixar os alunos apontarem de forma subjetiva suas preferências. A partir dos resultados, vemos que a maioria busca informações a partir de livros diversos, dentre os citados estão a bíblia e os didáticos (de biologia, português).

Gráfico 7- Questão 7



Fonte: elaborado pela autora

A sétima e última questão direcionada aos entrevistados teve como finalidade sondar se os alunos da EJA percebem a leitura como algo importante e fundamental para as suas vidas. Para tanto, além de optarem por “sim” ou “não”, os alunos deveriam justificar suas respostas de forma breve. Como podemos ver, todos responderam que “sim”, a leitura é importante. Quanto à justificativa, a maioria

respondeu que é importante porque *“ajuda no aprendizado”*; *“ajuda no desenvolvimento do conhecimento”*; outros responderam: *“porque informa”*; *“porque ajuda no desempenho da escrita e do falar”*; *“porque sem leitura não há muita experiência”*; *“ajuda a refletir e mudar alguma forma de pensar”*; *“é um meio de transportamos para outro pensamento”*; *“porque é uma terapia para a mente”*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentamos, ao longo do nosso trabalho, desde muito tempo a educação de jovens e adultos vem passando por transformações diversas em seu cenário educacional, um processo que termina influenciando negativamente o trajeto deste público em sala de aula, o que torna o ensino da leitura um desafio. Nesse sentido, surgiu o intuito de averiguar, como se encontra o envolvimento dos alunos da EJA com a leitura, considerando que este contato se torna primordial para a formação crítica desses sujeitos perante o contexto social que estão englobados. Para tanto, nossa pesquisa além de munir-se de um forte embasamento teórico, ainda contou com a aplicação de um questionário, cujos dados elucidativos nos trouxeram relevantes constatações.

Apesar de ser reconhecido por todos os alunos o valor leitura como algo elementar e de suma importância para seu crescimento pessoal, intelectual e social, dados os levantamentos dos gráficos que projetam as respostas destes sujeitos, ainda encontramos um público desprovido de certas competências que são adquiridas a partir de um contato mais íntimo com esta fonte de saber, assim como também, de todo o conhecimento de mundo que ela proporciona para a vida. Tal constatação projeta em nossa mente uma auto avaliação em relação a nós mesmos como educadores mediadores desse saber e, o que podemos fazer para tentar mudar este cenário que apresenta tantas lacunas.

SOME REFLECTIONS ON THE INVOLVEMENT OF EJA STUDENTS WITH THE PRACTICE OF READING

ABSTRACT

This article has as its purpose to present reading as fundamental for the construction and development of the critical sense of the human being. For this purpose, we have as main objective to investigate the involvement of the students of Youth and Adults Education (EJA) with reading, identifying the representations that these students have been constructing about the act of reading as a social practice throughout their life. Therefore, we will first discuss about the trajectory of the EJA that marks the referral of the subjects involved in this modality, as well as briefly describe the profile of the students that are part of this educational context. Then, we will point out the concept of reading in general and its indispensable contribution to the social formation of the individual. The authors used for the theoretical basis of our discussions were: Nascimento (2013), Saldanha (2009), Martins (2007), Antunes (2009), Freire (2001), among others. Because it is a quantitative-interpretive research, we will present, finally, the results of a questionnaire intended for the students of EJA of a public school in the city of Alagoa Grande / PB, which had as purpose to understand, through the data collected, the involvement of these students with reading outside the school context.

Keywords: Reading. Social practice. Students of EJA.

REFERÊNCIAS

- AIALA, M. C. **Aluno EJA: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena- PR.** 2011. 45f. Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. 2011. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1647/1/MD_PROEJA_2012_IV_16.pdf> Acesso em: 17 mar. 2018.
- ALMEIDA, A. de; CORSO, A. M. **A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais.** Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf> Acesso em: 26 abr.2018.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BASTIANI, Décia Maria. **Perfil e os desafios dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos do município de Santa Helena.** 2011. 43.p. Trabalho de Conclusão de Curso- Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na

Modalidade EJA- Universidade Tecnológica Federal do Paraná- Medianeira. 2011. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1646/1/MD_PROEJA_2012_IV_05.pdf> Acesso em: 17 mar. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 11. ed. Campinas: Pontes, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos)

NASCIMENTO, Sandra Mara do. **Educação de jovens e adultos EJA, na visão de Paulo Freire**. 2013. 45 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e técnicas de ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paranavaí, 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4489/1/MD_EDUMTE_2014_2_116.pdf> Acesso em: 17 mar. 2018.

RIBEIRO, Renato Antônio. **Rompendo barreiras**: a atuação do coordenador pedagógico e seu papel junto aos docentes da EJA. 2014. 137 páginas. Dissertação de Mestrado em Educação Linguagem e Tecnologias. Universidade Estadual de Goiás- UEG, Anápolis-GO, 2014. Disponível em: <[www.cdn.ueg.br/source/miitt/conteudo N/1307/Renato_Antonio_Ribeiro_Rompendo_barreiras_a_atuacao_do_coordenador_pedagogico_e_seu_papel_junto_aos_docentes_da_EJA.pdf](http://www.cdn.ueg.br/source/miitt/conteudo/N/1307/Renato_Antonio_Ribeiro_Rompendo_barreiras_a_atuacao_do_coordenador_pedagogico_e_seu_papel_junto_aos_docentes_da_EJA.pdf)> Acesso em: 17 mar. 2018.

SALDANHA, Leila. **Histórico da EJA no Brasil**. 2009.L Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/historico-da-eja-no-brasil/17677/>> Acesso em: 26 abr. 2018.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDRR Online**, Campinas, n. 38, p. 49-59, jun. 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf> Acesso em: 26 abr. 2018.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**Questionário de pesquisa****Pesquisadora: Maria Bertelania Cleto**

- 1- Você gosta de ler?
() Sim () Não () Um pouco

- 2- Que tipo de leitura você prefere?
() Informativa () Científica () Autoajuda () Romance () Nenhuma

- 3- Você compreende bem o conteúdo durante a leitura?
() Sim () Não () Às vezes

- 4- Você consegue associar o que ler às suas experiências ou ao seu cotidiano?
() Sim () Não () Às vezes

- 5- Você tem o hábito de ler (livros, jornais, revistas ou qualquer outro material) quando não está na escola?
() Sim () Não () Às vezes

- 6- Que tipo de material você mais ler? _____

- 7- Você acha que a leitura é importante?
() Sim () Não Justifique: _____

Obrigada pela sua colaboração!